

Estrêla do Oriente Leva Ternos à Lapinha Desde o Tempo do Brasil Colônia

● Texto de Anísia FÉLIX
● Fotos dos Arquivos JB



Vindos dos tempos do Brasil Colônia os Ternos de Reis guardam até hoje a simplicidade e brejeirice do passado, com suas indumentárias e músicas ingênuas de louvação ao Menino Jesus. Guiados sempre pelo Estrêla do Oriente, depois de percorrer diversos bairros da Cidade terminam sempre na Lapinha, onde rendem homenagem ao Salvador, cabendo à porta-estandarte contar e declamar em louvor ao Menino Deus.

Os ternos mais velhos, os que se informa, foram os "Da Terra" e "Sol do Oriente", fundados em 1898 e 1899, extintos em 1949. Esses, principalmente, eram esperados ansiosamente nas ruas principais da cidade e tinham os seus adeptos que os aguardavam para os aplausos em Nazaré (onde há o jardim), no Sete Portas (onde é hoje o mercado), Terreiro de Jesus, Rio Vermelho, Barra, Amaralina e Penha, onde por vèzes os seus componentes iam às bafoeladas, porque o adversário roubou uma sua música, ensaiada sob "sete chaves", mas foi ouvida pelo outro. A espera da passagem dos Ternos começavam às 5 horas da tarde e estes iam à Lapinha nos dias 5 e 7, fazendo todo o percurso a pé. Os bandes não compartilhavam os seus participantes, e o povo apinhado nas ruas não podia ser privado de assistir e aplaudir o seu preferido.

BAILES PASTORIS

Em tempos bem remotos, todas as casas armavam presépios e os moradores dos bairros eram convidados para os bailes pastoris. Munidos de lanternas coloridas e archotes, porque não existia iluminação, o povo reu sala de casa em casa, e antes que estas fossem abertas cantava: "Os três reis quando souberem / que era nascido o Messias / arrumaram

os cavalos / para o seu trono adorar / o primeiro trouxe ouro, para o seu trono dourar / o segundo trouxe incenso, para o seu trono incensar / o terceiro trouxe mirra para vir reunir a gente". Em seguida, cantavam a chula: "Abre a porta / também a janela / viemos gozar / esta côr de canela". A côr de canela cantada eram bailes, que não tinham hora para terminar.

MÓÇAS E RAPAZES

Os ternos são classificados como de môças (mista) e de rapazes. O primeiro é assim constituído: reis magos, representando o negro, mulato e branco; Estrela D'Alvo, representando a estrela guia; samaritanas, levando água para banhar Cristo; ciganos, tendo profecias; porta-estandarte, representando o terno; dalguia; porta-estandarte e finalmente a chula, res de cajados e, finalmente, a charanga, composta de músicos. Enquanto isso, o de rapazes é composto de: porta-estandarte, Pastôres e músicos.

"BACURAU"

Em janeiro de 1918, uma turma amiga se encontrava em Baixa de Quintas e os rapazes Thomaz de Aquino Bonfim e Vandemar resolveram fundar um terno. Conversa vai, conversa vem, e depois de um rateio foi apurada a importância de 3 contos de reis. Por acaso, um sugeriu o nome de "Bacurau" (passaro). O trompetista Otávio se encarregou dos arranjos musicais. O "Bacurau", dias depois, estava nas ruas com calça branca, camisa preta, gravata branca e cartolo. Em 1920, o seu pessoal foi aos tapas com o do "Arigofe", por causa de uma música, que, mesmo ensaiada às escondidas, já esta-

va sendo tocada pelos adversários, que usaram "alheiros". Hoje o "Bacurau" está completando 50 anos e seu atual presidente é o Sr. João Piedade.

OS FAMOSOS

Os ternos mais famosos da Bahia foram: "Arigofe", fundada por alfaiates, dêle tomando parte outros operários, bem como o Governador Otávio Mangabeira, quando estudante; "Urubu Danã", composta de estudantes; "Lira Choro", de operários (e que marcou época pelo sua orquestra de cordas); "Mamãe Sacode" composto também de estudantes que saíam calçados de tamancos e portavam vassourinhas; "Cardeal", composto em sua maioria de pintores e cuja figura principal, munido de asos, dava saltos incríveis, sofrendo um acidente ao pular da torre da Igreja do Bonfim, vindo em consequência a faltar; "Bonina"; "Romeiros da Palestina"; "Girasol"; "Lira de Prata"; "Estrela Dalva"; "Nova Espera"; "Primavera" e "Crisantemo".

"ROMEIRO DO ORIENTE"

"O Sol do Oriente" foi se extinguindo por falta de ajuda e a evolução não permitiu a integração de novos participantes. Alguns baluartes morreram. Em 1949, o Sr. Thomaz de Aquino Bonfim, um dos fundadores do "Bacurau", resolveu fundar o "Romeiros do Oriente" que se apresentaria dentro da tradição bíblica, e assim foi feito. Esta é uma das suas músicas: "Vamos a Belém / pastôres vamos com muita alegria / vamos adorar Jesus / nosso grande filho / de Maria / Nosso Senhor / Nesta noite sorridente / tôdas unidas louvaremos / em Louvor ao Deus Menino // o nosso Rei do Oriente.

RESSURGIMENTO

Os ternos por algum tempo perderam o seu prestígio e em 1949 o Governador Otávio Mangabeira chamou o Sr. Thomaz de Aquino Bonfim e manifestou o desejo de vê-los ou-

tra vez nas ruas. Todas as providências foram tomadas. Naquele ano, segundo a tradição, o Chefe do Governo Baiano estava na manhã do dia 6 na sacada do palácio onde saudou e foi saudado pelos ternos que voltavam da Lapinha. Hoje somente 10 entidades continuam resistindo ao desafio do tempo: "Terno do Sol"; "A Terra"; "Romeiros do Oriente"; "As Flores"; "Rosa Menina"; "Laranjeiras"; "Os Astros"; "Bacurau" e "Bentivi". Rancho só existe atualmente um, o "Do Sol".

RANCHOS

Os Ranchos também já tiveram os seus tempos áureos, mas a princípio não eram vistos com bons olhos pela população que discriminava os seus participantes: as mulheres que nelas saíam eram tidas como alegres enquanto os homens eram tachados de desordeiros, o que entretanto não impedia os aplausos. Todas elas, em sua grande maioria tinham nomes de bichos.

ADORAÇÃO

A graça, elegância, voz e desembaraço da porta-estandarte são fatores fundamentais para o ponto alto dos ternos, que é a adoração. Os três Reis ajoelham-se e oferecem ao Deus Menino ouro, incenso e mirra, enquanto a porta-estandarte faz a louvação, não sendo possível que um terno cante as músicas de outro. Em 1928 háda menos de 50 entidades foram à Lapinha, todas com melodias inéditas.

NOITE DE REIS

Noite de Reis é noite de festa na Bahia. O povo, prestigiando as entidades, aglomera-se na Praça do Sé, seguindo posteriormente para a Lapinha, onde a festa de caráter eminentemente popular ganha corpo prolongando-se até o dia 6, onde nos barracas os foliões bebem e sambam, não quebrando a tradição das festas folclóricas da Bahia.

